

Ao que se sabe não existem áreas de mangles. Todavia, nas proximidades de Torres, uma alga vermelha do grupo RHODOPHYCAE. é abundante nas águas oceânicas. Estas algas são, em parte responsáveis pela cor vermelha escura que é observada esporadicamente ao longo da linha costeira. Este fato sugere que a alga também é carregada para o sul pela corrente do Brasil e para o norte pela de Falkland. Um estudo da fitogeografia do litoral do Rio Grande do Sul, deve ser conduzidos em termos das interações físicas. As interações da vegetação do litoral, que poderiam ser estudadas com sucesso seriam :

1) O oceano; 2) a praia; 3) a zona das areias em movimento; 4) A zona das dunas fixadas; 5) Zona das lagoas e lagoas de água doce; 6) a zona do escarpamento.

Nenhum estudo completo sobre a fitogeografia do litoral do Rio Grande do Sul existe até o presente momento.

ROCHAS E ESTRUTURA GEOLÓGICA

O autor somente conseguiu verificar afloramento da rocha base nas proximidades de Torres, onde o Basalto do Triássico-Jurássico (?) alcança o oceano. Este fato, mais a natureza geral da ingreme e retilínea escarpa, indica que esta costa é muito provavelmente uma costa de falha, com bloco afundado para o lado do oceano. Se isto for real, toda costa rio-grandense deve ser influenciada pelo falhamento e o afogamento dos estuários dos rios e outros acidentes pode ser explicado por meio desta teoria.

BIBLIOGRAFIA :

Ekman (1953) Zoogeography of the sea (London).

Rambo, P.B. (1956) a fisionomia do Rio Grande do Sul, Vol VI, P. Alegre.

Stormex, L. (1933) Animal Plankton and sea Corrents, the american naturalist, 67.

As Restingas do Litoral Gaúcho

PARANHOS ANTUNES

Todo o litoral gaúcho, do Mampituba ao Chui, é formado por uma série contínua de restingas.

E' preciso não confundir a palavra «restinga», termo geográfico adotado no Brasil pelos mestres, com o regionalismo gaúcho que considera «restinga» uma «orla de bosque ou mato nas baixadas, a beira de arroios ou sangas», conforme se lê no **Vocabulário gaúcho** de Roque Callage.

Ora, a vegetação que acompanha os pequenos cursos d'água chama-se «mata ciliar» e não «restinga».

Vejamos a definição de «restinga» tirada do **Dicionário geológico-geomorfológico** do sr. Antônio Teixeira Guerra, Geógrafo do Conselho Nacional de Geografia, editado em 1954 pelo Instituto Pan-americano de Geografia e História:

«Ilha alongada faixa ou língua de areia, depositada paralelamente ao litoral, graças ao dinamismo destrutivo e construtivo das águas oceânicas. Esses depósitos são feitos com apoio em pontas ou cabos que comumente podem barrar uma série de pequenas lagoas como acontece no litoral do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul».

«O problema da origem desses depósitos litorâneos ainda é um pouco controverso. Há três teorias principais: 1 — as correntes marinhas secundárias, 2 — influência do modelado do fundo do mar, sendo a praia formada nos limites da ação das vagas, 3 — o efeito das vagas de translação, e as correntes de marés. Do ponto de vista geomorfológico o litoral de restinga possui aspectos típicos como: faixas paralelas de depósitos sucessivo de areias, lagoas resultantes de represamento de antigas baías, pequenas lagoas formadas entre as diferentes flechas de areias, dunas, resultantes do trabalho do vento sobre a areia da restinga, formação de barras obliterando a foz de alguns rios, etc.»

Para o estudo da formação das restingas, recomendamos o livro clássico do sr. Alberto Ribeiro Lamego, **O Homem e a Restinga**, em que estuda, com pormenores, as enseadas, as lagunas, os «esporões», o pantanal, a planície e a flora do litoral fluminense.

O litoral do Rio Grande do Sul está a exigir um livro semelhante, em que se estude a série de lagos e lagunas que se estendem ao longo de suas praias, o papel dos ventos na formação das dunas, a flora, a plataforma continental, a ação do homem e sua vida econômica, etc.

Duas enormes lagoas, a dos Patos e a Mirim, a primeira com cerca de 320 quilômetros de comprimento, e 50 km. de largura em vários pontos; e a segunda com 180 km. de extensão, com 30 km. de largo em diversos lugares, recebem quase todas as águas da vertente atlântica, vertente que, segundo cálculos do engenheiro F. L. Corthell, «cobre uma superfície de cerca de 168.000 km. quadrados». A maior parte destas águas escoam-se pela garganta do Itapoam, correndo sedimentos da serra e da campanha, através da «Depressão Central» do Estado.

O avanço do litoral rio-grandense para leste, desde o Itapoam até a Lagoa Mirim, deve-se a quatro causas que, segundo o Padre Balduino Rambo S. J., foram as seguintes: «a plataforma continental, a abundância de areias, a direção predominante do vento, e a configuração peculiar da costa primitiva». Esses fatores formaram as primeiras línguas de areia dando origem à série de restingas gaúchas, entre as quais temos a gigantesca faixa que separa a Lagoa dos Patos do oceano.

A restinga do Albardão, entre a Lagoa da Mangueira e o oceano, em sua primitiva formação, talvez pudesse ser comparada à restinga da Marambaia, no Estado do Rio. Provavelmente, a Marambaia, quando fechar o seu pontal atual será muito semelhante à Lagoa da Mangueira.

Também, não seria muito forçada a comparação da Lagoa de Maricá com a de Tramandaí. Aqui, dá-se o inverso: a lagoa de Maricá já fechou sua barra no oceano e só em marés altas com êle se comunica, enquanto a Lagoa Tramandaí ainda mantém aberta sua barra, com tendências, porém, para isolar-se do mar.

Os inúmeros bancos de areias que se notam na Lagoa dos Patos, serão futuras pontas, tais como as que recortam a lagoa de Araruama.

A barra do Rio Grande, cognominada por José da Silva Pais, a «barra diabólica», mudava de canal constantemente. Com a construção dos dois grandes molhes nas pontas do sul e do norte, ficou mais ou menos disciplinada a sua entrada e regularizado o caminho de sua descarga.

Se compararmos as plantas «da posição e profundidade da Barra do Rio Grande do Sul» dos anos de 1775, 1800, 1814, 1849, 1854, 1866, 1875, 1881 e 1883, veremos a constante mudança das duas pontas da entrada, a mutação dos bancos-de-areia do quebra-mar, fora da barra e a diminuição da profundidade do canal, que, até certo ponto, a construção dos molhes aludidos disciplinou.

—:— o0 o —:—





MIRON ZAIONS